

# Opinião MCM

Edição 39 – sexta-feira, 2 de outubro de 2020

## Seria cômico se não fosse dramático

Stanislaw Ponte Preta, heterônimo do jornalista e escritor Sergio Porto, ficou famoso pela redação de bem humoradas críticas a ações do governo federal -- reunidas em livros intitulados "Febeapá: Festival de Besteira que assola o País" -- e também pela letra do "Samba do Crioulo Doido", uma canção satírica que descrevia situações absurdas envolvendo personalidades da história do Brasil.

E é difícil não se lembrar dele e deste samba quando se tenta resumir os acontecimentos recentes envolvendo a criação do programa que deverá substituir o Bolsa Família, tendo em vista os desencontros entre atores políticos e as idas e vindas de diversas propostas -- algumas delas disparatadas -- para a abertura de espaço no orçamento, visando a implantação do programa já no início de 2021. Afinal, a única diferença entre o samba de Stanislaw Ponte Preta e as trapalhadas em torno da criação do novo programa de assistência social é o fato de que o samba era cômico e o que acontece em Brasília hoje em dia é dramático.

Por exemplo, ao assumir o compromisso de respeitar o teto de gastos, mas por outro lado, não reduzir subsídios e gastos obrigatórios variados, não aceitar ajustes que afetem nem mesmo a elite dos beneficiários do sistema de seguridade social e dos funcionários públicos e vetar a transferência de recursos dos "pobres para os paupérrimos", Bolsonaro brinca com a realidade. O presidente torna a criação de um Bolsa Família mais robusto uma "missão impossível" e bloqueia a necessária racionalização da rede de assistência social do país, que sabidamente, precisa ter mais foco, além de mais recursos. Pode parecer uma "racionalidade alternativa", mas é apenas oportunismo.

Em paralelo, ao assumir a defesa intransigente do teto, mas ao mesmo tempo, permitir que propostas desatinadas, como a da postergação dos gastos com precatórios, sejam levadas em consideração na montagem do orçamento, mesmo apenas como um balão de ensaio, Paulo Guedes graceja perigosamente com a confiança depositada nele como guardião da racionalidade econômica do governo. Dito de outra forma, o simples teste da proposta de se abrir espaço para a ampliação de uma despesa permanente com a postergação do pagamento de dívidas pode parecer uma piada de mau gosto, mas é, na verdade, perturbador.

Da mesma forma, ao mostrar alinhamento na defesa do teto de gastos, mas concomitantemente, insistir na postergação do pagamento de precatórios como caminho para a criação do Bolsa Família turbinado, e minimizar a reação negativa do mercado financeiro a essa proposta dizendo "não me assusto assim tão fácil", o senador Márcio Bittar, relator do orçamento federal para 2021, desdenha das preocupações dos agentes econômicos com as ameaças ao teto de gastos, o crescimento da dívida pública, a desafiadora rolagem dos títulos do Tesouro Nacional, a deterioração das condições financeiras e as consequências negativas disso tudo para a economia. A fala do senador poderia parecer bem humorada, mas é apenas inquietante.

E assim, em meio a desvarios e contrassensos dignos do samba de Stanislaw Ponte Preta, a aversão a risco muda de patamar e as perspectivas para a recuperação da economia voltam a se deteriorar.



**Produzido pela MCM Consultores Associados exclusivamente para clientes. 2020. Reprodução Proibida.**

Tel: (011) 4380-7700. Site: [mcmconsultores.com.br](http://mcmconsultores.com.br) e-mail: [economia@mcmconsultores.com.br](mailto:economia@mcmconsultores.com.br)